

“Sinto-me um naufrago”

ANDA DAÍ MAIS EU
CARLOS TOMÉ

Em Benfica, mesmo ao lado de uma pastelaria que tem os melhores jesuítas de Lisboa, está a melhor livraria da capital. Na Fólio Exemplar, assim se chama a livraria, também conhecida como Espaço Ulmeiro, os livros andam à solta. Nunca como aqui os livros tiveram tanta liberdade. Fugiram das estantes, espalharam-se pelos quatro cantos, povoam todo o chão, dificultando a circulação de um simples mortal pelo espaço.

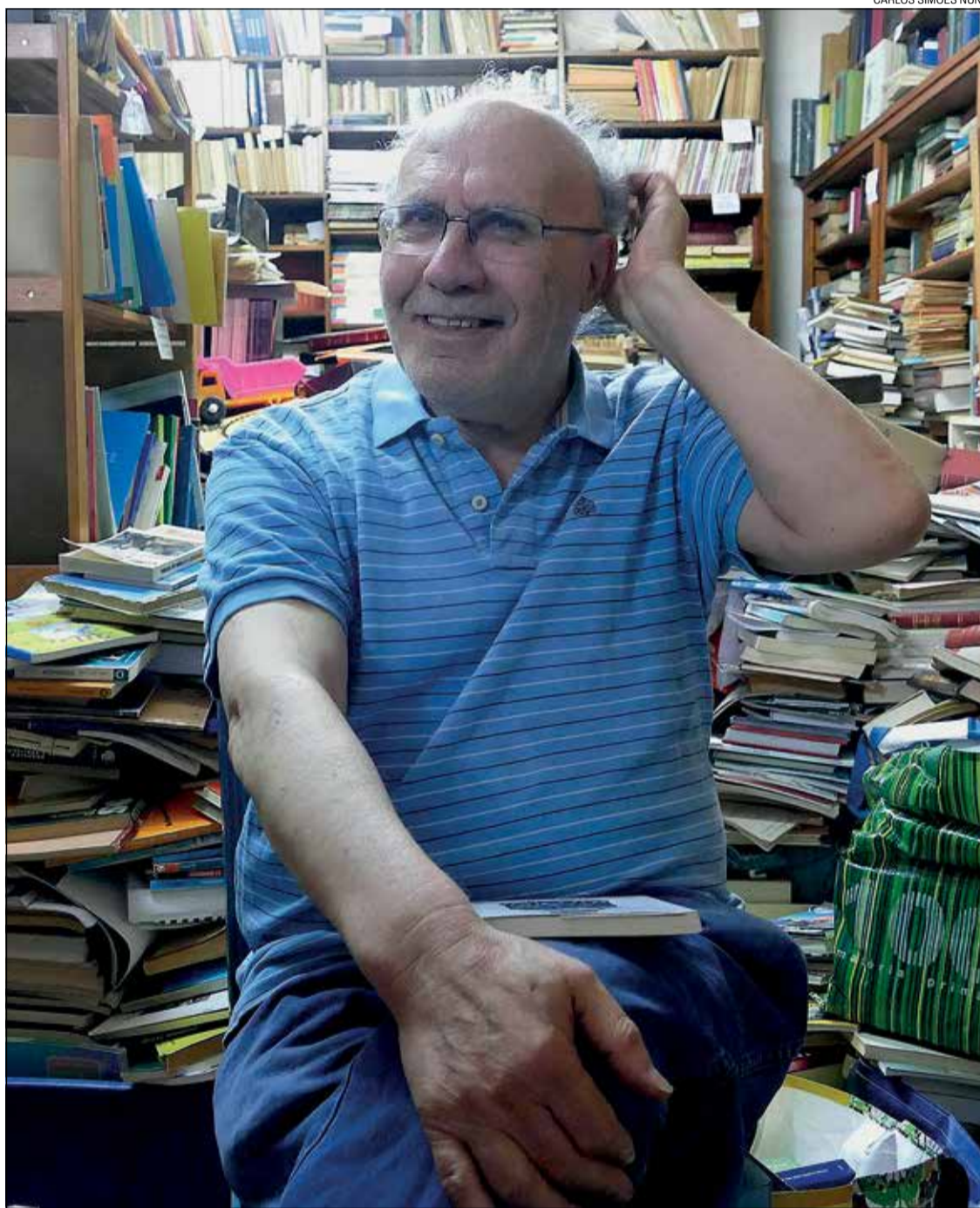
Os livros tomaram conta de tudo e impõem as suas regras. Pode parecer estranho mas procurar um livro especial pode tornar-se uma aventura. O que se procura pode não se encontrar mas está por lá, de certeza, só que não se sabe onde, mas encontram-se muitas outras obras que não se procuravam. É essa aventura que interessa ali. É a livraria mais livre de Lisboa, em que a liberdade dos livros é total. Nas há estantes que os prendam, nem escaparates que os promovam. Os livros tomaram conta da livraria.

E isto apesar de José Antunes Ribeiro, o grande timoneiro desta aventura com muitos mares navegados, desde a Assírio e Alvim até à Ulmeiro, tentar controlar o incontrolável. José Ribeiro tem 75 anos, andou pelo seminário mas não chegou a concluir uma vocação que se calhar não tinha e lançou-se desde miúdo na aventura dos suplementos culturais. Por onde passava, abria caminhos e deixava marcas.

Também passou por Riachos, na década de 60, acompanhando o seu irmão, o padre António Ribeiro que esteve na paróquia riachense entre 1964 e 1971, vindo substituir o padre Custódio, e também por cá deixou a sua marca, com a edição de um suplemento cultural do boletim da paróquia, embora de vida efêmera.

A sua irreverência e a luta de resistência ao fascismo levaram José Ribeiro a ser perseguido pela Pide, mas esta polícia não o conseguiu desmotivar, antes trouxe mais convicção à sua luta, quase sempre na difícil arte dos livros e muito especialmente no campo da poesia.

No meio de tantos livros José Ribeiro sente-se um naufrago, mas este não é um mar revolto mas chão e apetível, como a bonança depois



CARLOS SIMÕES NUNO

Nós sempre contestámos a ideia de que a juventude não lê

de todas as tempestades que tem conseguido debelar. Capitão deste navio, José Ribeiro, bem como a restante tripulação, Lúcia, a sua mulher, e o gato Salvador, o único felino do mundo que dorme sonecas de horas na montra de uma livraria, vão ser capazes da travessia deste mar, sem naufrágios.

José Ribeiro rememora alguns episódios de quando passou por Riachos e outros da sua vida de editor e livreiro, e recorda alguns amigos de sempre. Na cave, depois de percorrermos alguns trilhos com cuidado para não magoar os livros, foi possível juntar três bancos e conversarmos. Desta vez o duo transformou-se em trio, graças à companhia e ajuda preciosa na conversa do Carlos Simões Nuno.

Qual é a sensação de estar aqui no meio destes livros todos?

Sinto-me um naufrago no meio de tantos livros. Aquilo que me apetecia era ter isto mais controlado mas não é fácil, porque isto dá um trabalho do caneco, é tremendo, somos dois, eu e a Lúcia, e a sua saúde não é grande coisa, portanto eu tenho que estar atento ao que eu faço e também ao que ela faz.

Existe algum registo ou documentário sobre a Fólio ou sobre a Ulmeiro?

Há um pessoal jovem que está na fase final de um documentário sobre a Ulmeiro e estes 50 anos e depois andaram também atrás

de locais por onde eu passei. Acho que aquilo vai passar numa das televisões.

Que locais são esses?

Por acaso não passei no Riachos, faltou o Riachos, faltou Carregueiros, que foi o primeiro sítio onde o meu irmão esteve. Antes do Riachos o meu irmão foi pároco nos Carregueiros. E ainda faltou também a Aldeia Nova, que foi um sítio muito importante para mim porque foi lá a minha passagem pelos dominicanos.

Fez formação no Seminário?

Sim, passei pelos dominicanos em Aldeia Nova, que pertence a Ourém, na freguesia do Olival,

depois ainda estive em Fátima mas não muito tempo.

Mas a vocação não se concretizou...

Pois, não se concretizou. Aliás, eu já vinha em choque desde a Aldeia Nova porque aquilo era um regime muito aproximado daquele que o Virgílio Ferreira descreve na Manhã Submersa, e como eu era muito rebelde, que foi uma coisa que tinha aprendido desde pequeno, eles passaram um mau bocado comigo lá, até fiz um jornal clandestino dentro do Seminário que se chamava Pólvora [risos]. Tenho uma cópia e ando à procura de outra, houve pelo menos dois números do jornal que era escrito à mão. Houve coisas do caraças, lá.

Mas era ainda miúdo, ou não?

Era muito miúdo, tinha aí 15 anos nessa fase, agora tenho 75.

Esteve lá quanto tempo no Seminário?

Estive os cinco anos da formação, as humanidades, não é, e depois ainda fui para Fátima, ainda estive em Filosofia durante um ano e depois é que me fui embora. Mas lá na Aldeia Nova é que se passaram as coisas mais engraçadas. Há duas ou três coisas que lá me marcaram, uma foi o facto de a direcção do Seminário um dia escolheu três alunos, era eu e mais dois amigos, escolheu-nos para dirigirmos uma academia literária lá dentro do Seminário, que era uma coisinha onde o pessoal preparava sessões de poesia e coisas desse tipo, leituras e tal. Então, como porta-voz dos nomeados, dirigi-me ao padre e disse-lhe que os alunos nomeados se recusavam a aceitar a nomeação porque nós entendíamos que deviam ser os alunos a votar os seus representantes.

Isso na altura era revolucionário...

Era, mas o que eu achei piada é que os padres a seguir tiveram que aceitar, procedeu-se à votação e os alunos votaram nos mesmos, portanto o pessoal foi eleito democraticamente. Mas no meu quinto ano há uma outra cena que, enfim, essa criou uma

NES RIBEIRO

no meio de tantos livros”

agitação brutal que foi quando entendemos que um colega tinha sido expulso de uma forma que nós não aceitávamos, que era uma grande injustiça a expulsão dele, e então fizemos uma carta, eu redigi a carta e a primeira assinatura é a minha, em que todo o quinto ano se considerava expulso se não fosse anulada a expulsão do nosso colega. Eh pá, a certa altura, lá para o princípio da tarde, começam a chegar carros de Fátima, o provincial, que na altura era holandês, mais uma série de manda-chuvas da ordem, e o caraças, para reuniões urgentes porque tinham um ano inteiro a dizer que estava expulso se não fosse anulada a expulsão do colega, e no final do dia chamaram-nos para nos dizerem que era anulada a expulsão do nosso colega. Essa foi uma guerra que ganhámos, sei que nessa altura o director, que era o padre Luís Cerdeiro, chama-me ao gabinete dele e depois de grandes considerações acaba a conversa a dizer “o menino é um vivo diabo!” [risos].

E quando é que passou por Riachos?

Passei pelo Riachos quando o meu irmão [padre António Ribeiro] é transferido...

Depois de sair do Seminário passou a acompanhar o seu irmão nesses primeiros anos, foi isso? Ele foi em que altura para Riachos, tem ideia?

Ele tem mais uns seis anos do que eu e foi pároco em Carregueiros, Tomar, e depois esteve no Riachos... isto é tudo anos 60, eu talvez se conseguir localizar no tempo o jornal da paróquia consiga a data mais aproximada em que ele lá esteve. Eu não o acompanhava sempre, mas passei muitas das férias com ele e recordo-me muito bem de lá estar em Riachos.

Quando ele foi para Riachos, foi com ele?

Sim, fui lá muita vez, mas mais nas férias, passei muito tempo lá. Ficava lá na casa dele, era a casa paroquial, suponho que ainda lá está.



CARLOS SIMÕES NUNO

Eu era muito rebelde, que foi uma coisa que tinha aprendido desde pequeno

Que idade é que tinha nessa altura?

Tinha os meus vinte e poucos.

E lá em Riachos qual era a sua actividade?

Eu não fazia grande coisa, recordo-me do futebol, de conhecer por lá gente ligada ao futebol. Recordo-me do futebol e de coisas várias, há um dia que disse ao meu irmão que era engraçado fazer lá um suplemento cultural do jornal da paróquia.

E fizeram?

E fizemos. Era fundamentalmente uma coisinha cultural, vistas a esta distância estas coisas eram até ingénuas mas sempre já com uma preocupação de publicar algumas coisas de... mesmo na escolha dos poemas e dos poetas já havia uma forte componente de resistência. Eu recordo-me que no primeiro número o poeta que saiu era o Guillevic, o poeta francês, e recordo-me muito bem de termos publicado um poema do Gabriel Aresti, que é um poeta basco, com um título fabuloso que é “Defenderei a casa do meu pai”, contra a usura, contra a injustiça,

contra essas coisas, nunca mais me esqueci desse poema que era uma coisa muito forte para a época. E depois tive a sorte de ter um amigo que deu um apoio na parte do grafismo, que ainda hoje é um grande amigo, um tipo chamado Hugo Beja...

Quem é o Hugo Beja?

É um grande poeta e um grande pintor, tem uma obra como eu acho que em Portugal ninguém tem, ele tem milhares de pinturas, milhares de desenhos, eu estive em casa dele e saí de lá completamente impressionado com a obra dele, depois tem dezenas de livros de artista com pintura, desenho e texto, editado só tem um livro com serigrafias do Bual, que eles eram muito amigos, já o vi à venda por aí a partir de quinhentos euros. O Beja foi o tipo que fez o grafismo daquele suplementozinho engraçado.

Havia um grupo de gente à volta da paróquia de Riachos que colaborava?

Havia, havia, nesse aspecto o meu irmão tinha gente a colaborar, talvez mais no Barreiro do que

no Riachos, mas ele chegou a ter a Pide atrás dele sobretudo nas homilias.

Então o seu irmão foi de Riachos para o Barreiro?

Foi. Em Riachos foi substituir o padre Custódio e depois foi para o Barreiro.

E lembra-se de quem é que de Riachos colaborava nesse tal suplemento?

Pois, esse é que é o drama, já não me recordo. Mas essa actividade vinha daqueles encontros da JOC [Juventude Operária Católica] e da JAC [Juventude Agrária Católica] e dessas coisas.

Será que o Joaquim Alberto também estava nisso?

O Joaquim Alberto não sei se estava nessa altura, talvez não. Eu era mais amigo, porque tinha mais contacto com ele, obviamente, de um irmão do Joaquim Alberto, o Francisco, que faleceu muito novo. Nós estivemos juntos numa república aqui em Lisboa, na Rua de S. Ciro, perto da Buenos Aires, onde a Pide chegou a ir uma noite à minha procura, mas não me

apanharam lá. Foi na altura em que foi preso um tipo ligado ao PC que se chamava Nuno Álvares Pereira, que depois na Pide falou em tanta gente que o pessoal lhe chamava o Condestável, pela sua “boa memória”. Eu apareço ali porque estava no Tempo e Modo [revista de cultura ligada aos católicos progressistas] com o Luís Salgado de Matos e mais uma série de gente, o João Bénard da Costa e tal, foi onde assinei aqueles manifestos contra a guerra colonial e depois mais tarde pela liberdade de expressão, etcetera, etcetera, era o grupo dos 101 católicos que em 1965 fizeram um manifesto contra a guerra. Nessa altura o Chico morava comigo nessa república, ele depois saiu de lá. Eu trabalhei depois nas Oficinas Gerais de Material Aeronáutico, as OGMA, onde me refugiei para não ir à tropa, com uma ajuda também muito grande do meu irmão. Gramei lá quatro anos para não fazer a guerra.

Como é que lhe surgiu a ideia dos suplementos culturais?

Eu tinha a mania dos suplementos culturais, porque também nas OGMA fiz uma coisa dessas, um suplemento cultural. Mas havia muita coisa que o Fernando Oliveira [responsável pelas OGMA] cortava, no outro dia descobri um texto qualquer que eu tinha feito sobre um livro do Dostoiévski e o gajo cortou aquilo e disse “é muito pesado” [risos]. A Pide escreveu para lá a dizer que eu era um perigoso esquerdista que estava lá nas Oficinas e o Fernando Oliveira escreveu na carta da Pide “nas Oficinas mando eu”, e mandou arquivar. Embora fosse um homem do regime, ele chegou a ser comandante nacional das milícias, tinha essa parte, se calhar com a sua autoconfiança que dominava tudo, não precisava de avisos da Pide.

Mudando de assunto. Quando é que começou com a editora Ulmeiro? Que aventura é essa?

Comecei na área do livro em 1967/68. A Ulmeiro aparece em 1969. Porque eu antes disso faço na Amadora uma livraria, e antes ainda também fiz uma coisa que

→ era o departamento editorial do ITAU, que era uma empresa que fornecia refeições, com o Júlio Roberto. A Ulmeiro aparece depois. Mas o ITAU foi uma coisa engraçada porque me permitiu fazer algumas coisas giras, não sei se se recordam de um livro que teve muita divulgação, vendeu brutalmente, era uma coisa que se chamava “A criança e a vida”, da Maria Rosa Colaço, com poemas de miúdos dos quais também fizemos depois posters, alguns dos quais a Pide apreendeu. E fiz um outro poster dum grande poema dum poeta brasileiro que eu conheci mais tarde no seu exílio na Alemanha depois da ditadura no Brasil, o Tiago de Melo, de que nós fizemos um poster do seu poema “Os Estatutos do Homem”, que é basicamente a enumeração dos Estatutos do Homem, e é engraçado que esse poster vendeu 150 mil exemplares em todo o mundo, que é uma coisa inacreditável.

E então a Ulmeiro aparece quando?

A Ulmeiro nasce quando entendi que já não conseguia com o Júlio Roberto fazer grande coisa, embora ele fosse um homem generoso e tal, quando eu lhe fui dizer que saía ele disse-me, “você vai ficar cá, que eu vou aumentá-lo, vou-lhe pagar catorze contos e vou-lhe oferecer um carro novo”, na altura era bastante dinheiro, que eu lembro-me que nas Oficinas ganhava um conto e quinhentos. Eu disse “ó Júlio Roberto, você já me devia conhecer: eu não me vendo. Eu saio porque não tenho condições para fazer aquilo para que você me contratou”. Porque eu estava lá, dava-lhe muito jeito mas ele é que ia dizendo o que é que se vai publicar, porque ele não se queria sujeitar àquelas apreensões dos posters, embora tenha ganho muitíssimo dinheiro com o poster dos “Estatutos do Homem”, não queria estar sujeito a isso, queria coisas mais inócuas, um pouco na linha dele.

Então saiu do ITAU e criou a Ulmeiro...

Sim. Comecei por convencer dois amigos a virem para esta aventura mas eles estiveram muito pouco tempo e acabei por ficar sozinho com a Ulmeiro, mais tarde o meu irmão António esteve comigo, depois ele quis ir à sua vida, foi dar aulas, não é.

O seu irmão deixou de ser padre quando?

Ele deixou de ser padre ainda no Barreiro, foi um tipo sempre



Um dia disse ao meu irmão que era engraçado fazer um suplemento cultural do jornal da paróquia

muito legalista, deixou de ser padre com autorização da Igreja, pediu dispensa a Roma. Eu sei isso porque o Francisco Fanhais, que eram grandes amigos, tinha saído e pronto, não pediu nada a ninguém, mas o meu irmão era todo legalista e no fundo continuava religioso, continuava um homem que acreditava naquelas coisas todas.

No final da década de 70 e na década de 80 a Ulmeiro mandava muitos livros para Riachos, para o nosso jornal. Por que é que isso acontecia?

Por um lado é porque eu ainda mantinha uma certa ligação a Riachos, por outro lado nós tínhamos uma pequena lista de jornais a quem oferecíamos livros. Isso corresponde um bocado à forma que eu achava correcta de divulgação da editora. E depois sempre iam saindo uns textinhos sobre este ou aquele livro. Isso também era importante. É engraçado que eu era muito amigo de um tipo das ex-colónias, um escritor famosíssimo de um livro só, “Nós matámos o cão tihoso”, que era o Luís Bernardo Honwana, e lembro-me de o levar ao Riachos, fomos lá fazer um piquenique ou qualquer coisa do género. Isto foi nos princípios da Ulmeiro e eu nem sequer tinha carta e foi ele que conduziu, ele é que me

deu boleia. Isto foi antes do 25 de Abril porque um tempo antes o Luís Bernardo apareceu em minha casa um dia e não disse ao que vinha, disse só “hoje venho aqui para conversarmos”, e então estivemos praticamente a noite toda a conversar e a deitar a garrafa abaixo. Mais tarde percebi que foi a sua despedida, porque ele foi para Dar Es Salaam juntar-se à Frelimo, não me disse nada, foi a forma de se despedir.

A Ulmeiro existiu até quando, lembra-se?

A Ulmeiro como editora chega até quase ao ano 2000. Começou como editora, livraria e distribuidora. Se nós olharmos para a quantidade de livros que a Ulmeiro editou, vemos que é uma grande quantidade, mas é preciso juntar a isso o facto de que éramos distribuidores da Centelha de Coimbra, da Afrontamento do Porto, era por isso que a Pide vinha por aí, é que não era só por nós, vinha também atrás dos livros da Centelha e da Afrontamento. Éramos distribuidores também de livros espanhóis e nessa altura importávamos para a própria cooperativa universitária, a Livrelco, tínhamos um acordo de colaboração, a Livrelco era uma grande cooperativa, eu nunca vi vender tantos livros.

Então a Ulmeiro acabou e foi transformada na Fólio Exemplar?

Quer dizer, ainda existia a Ulmeiro e já existia a livraria mas com uma empresa diferente, que era a Livrarte da qual eu nem sequer era sócio, era a Lúcia e a minha irmã Lena, que viveu lá no Riachos, aliás casou com um fulano que era do Riachos, o José Manuel Ferreira, também conhecido pelo José Manuel Botas, o Botas é alcunha que vem do pai.

Voltando à Fólio Exemplar...

A Fólio no fundo é um pouco uma espécie de chancela editorial para continuarmos, substituí a Livrarte e a Ulmeiro, deixou de haver aquela história das duas empresas, edita e agora vai voltar ao mercado, esperemos que com alguma força.

Continua a apostar no livro, o livro ainda não acabou.

Tem que ser, eu também não sei fazer mais nada, e como também não sei estar parado tenho de continuar a inventar formas de ir fazendo alguma coisa.

Ou seja, é mais um suplemento cultural... [risos]

Sim, é isso mesmo, na prática tem um bocado a ver com isso. Aqui há tempo estive com um colega que fundou comigo a Assírio e Alvim, o Assírio, eu naquela altura era sócio maioritário da Assírio e Alvim, tinha 75%, e o Assis Pacheco uma vez disse “tu és o sócio maioritário, então explica-me lá porque é que não tens o teu nome lá?”, e eu respondi-lhe “estás enganado, eu sou o e” [risos]. Era o João Carlos Alvim e o Assírio Bacelar. O João Carlos Alvim nunca se envolveu em aventuras próprias, agora o Assírio fez a Vega, que é uma boa editora mas não é muito bem tratado em relação ao excelente catálogo que tem na área das ciências sociais, ultimamente tem estado a publicar coisas sobre Angola, controversas ou não, mas como eu também estava lá de passagem no 27 de Maio, aquilo foi terrível. Eu tinha um pouco a versão do MPLA que era o pessoal com quem eu estava mais, mas a verdade é que aquilo foi trágico, tanto para um lado como para o outro.

Voltando à Fólio Exemplar, há pouco disse que se sentia um naufrago no meio de tantos livros. Tem algum projecto na manga para o futuro?

Eu vou ter que fazer alguma coisa, porque entretanto nós

criámos uma associação cultural que era aquilo que nós devíamos ter feito logo que nos metemos nisto, porque na prática foi sempre esse o espírito. Eu estou ligado às cooperativas culturais desde antes do 25 de Abril, particularmente na Amadora quando o Marcello Caetano publicou aquele célebre decreto de proibição das cooperativas culturais, e portanto eu acho que nós devíamos ter feito uma associação cultural, isso tinha-nos poupado muitos erros.

Mas isso também não se adivinha...

Pois, isso não se adivinha, mas avançamos para esta associação cultural já há algum tempo, estamos agora na fase de fazermos a assembleia geral para aprovação dos estatutos e criar os primeiros corpos sociais. A ideia é que a Fólio seja co-editora com a Espaço Ulmeiro, no fundo pretende-se também recuperar o nome da Ulmeiro para o lado da edição.

Há gente nova a chegar com interesse pelos livros?

Há sim, há. E há pessoal novo que vai ficar na direcção. Não é uma actividade saudosista. Há pessoal novo, aliás nós sempre contestámos a ideia de que a juventude não lê. Eu acho que até se lê mais do que se lia. E pela presença de pessoal novo aqui na livraria sabemos isso. Há pessoal bastante novo que gosta da livraria, que vem à procura de livros, que telefona para cá para saber se há este ou aquele livro. Mas isto é tudo uma contradição, porque eu penso que se lê mais mas acho que não se vendem mais livros. Nós não fazemos tudo o que devíamos fazer para vender mais. Há aqui muitas equações que era preciso resolver, estarmos mais presentes fora da livraria, irmos a mais feiras, estarmos presentes onde estão as pessoas...

Então vê o futuro com algum optimismo, é?

Mas eu fui sempre um tipo do copo meio cheio e não meio vazio, mas também não sei se é irresponsabilidade minha, às vezes tenho algumas dúvidas.

[No momento do fecho desta edição, José Antunes Ribeiro, apesar do optimismo expresso na entrevista que nos concedeu, anunciou nas redes sociais o provável encerramento para breve da sua livraria alfarrabista. Esperemos que seja apenas um desânimo passageiro, e que o continuemos a encontrar, por muitos anos, a flutuar no meio dos livros]